



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB – DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO – DEDC – *CAMPUS XIV* – COLEGIADO DO CURSO DE
LETRAS – CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA**

LUANA SANTOS DE JESUS

**A LITERATURA NEGRA COMO PRÁTICA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, *campus XIV*, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Lílian Almeida de Oliveira Lima

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2025

A LITERATURA NEGRA COMO PRÁTICA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LUANA SANTOS DE JESUS¹

RESUMO

Este artigo tem como foco a Literatura Negra como Prática Antirracista no Ensino de Língua Portuguesa, pois essa literatura quase não é ensinada nas instituições escolares mesmo após a aprovação da Lei 10.639/2003, ampliada pela Lei 11.645/2008, e da criação da Base Nacional Comum Curricular. Para a construção deste trabalho foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, realizada por meio de base documental impressa e eletrônica. Os referenciais teóricos utilizados foram: Cuti (2010), Duarte (2014), Almeida (2019), Melo (2021), Pinheiro (2023), Santos (2024). Além desses autores, a Lei 10.639/2003 e a Base Nacional Comum Curricular (2017). Visa-se, refletir sobre a realidade do ensino, propor o estudo da Literatura Negra e práticas literárias antirracistas.

Palavras-chave: Literatura negra; Ensino de LP.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o tema “A Literatura Negra como Prática Antirracista no Ensino de Língua Portuguesa”. Nele será discutido, primordialmente, o conceito de Literatura Negra e o porquê dessa literatura quase não ser ensinada na sala de aula, mesmo após a aprovação da Lei 10.639/2003, ampliada pela Lei 11.645/2008, e também, depois da criação do documento denominado Base Nacional Comum Curricular (2017).

Assim, devido ao fato de a Literatura Negra, Africana e Indígena ser um conteúdo pouco abordado, é de extrema relevância trabalhar com essas manifestações literárias nas instituições de ensino e em outros espaços sociais, para que haja a desconstrução de pensamentos e ideologias racistas nas práticas dos discentes e dos cidadãos.

Para a construção deste artigo foram utilizados o texto teórico de Eduardo de Assis Duarte (2014), com a sua contribuição referente à conceituação de “Literatura-Afro-

¹ Graduanda do Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XIV.

brasileira”, o livro “Literatura Negro-Brasileira”, de Luís Silva Cuti (2010), porquê este escritor aborda em sua obra a forma como a personagem negra é representada por alguns escritores brancos, os quais “se negam a abandonar sua brancura no ato da criação literária, por motivos de convicções ideológicas racistas, mas também porque, assim, acabam não tendo acesso à subjetividade negra”. (Cuti, 2010, p. 81). Assim, segundo Cuti, por conta dessas justificativas as personagens negras são retratadas como caricaturas dentro das obras literárias produzidas por escritores/as de identidade étnica branca.

Também foi usado o artigo “Práticas pedagógicas antirracistas: caminhos possíveis”, de Marlon Jeferson da Silva Santos (2024), o qual expõe a realidade do ensino nas instituições escolares e propõe ações afirmativas para combater o racismo, o artigo “A base nacional comum curricular e o ensino das literaturas africana e afro-brasileira: perspectiva negra decolonial na educação brasileira”, de Elivelton dos Santos Melo (2021), que analisa a forma como a BNCC propõe o ensino das literaturas afro-brasileira e africana para a educação básica, e o livro “Como ser um educador antirracista”, de Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023), que trata de ações pedagógicas antirracistas para a atuação docente.

Através da pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, realizada por meio de base documental impressa e eletrônica, buscou-se as possíveis soluções para o seguinte problema: Por quê a Literatura Negra não é ensinada em algumas instituições escolares mesmo após a sanção da Lei 10.639/2003, e da criação da Base Nacional Comum Curricular (2017) ?

Por isso, o objetivo deste artigo é refletir sobre a realidade do ensino, propor o estudo da Literatura Negra e práticas literárias antirracistas, nas seções que serão apresentadas posteriormente.

2 REFLETIR SOBRE A REALIDADE DO ENSINO

No presente século ainda há escolas que não implementam a Lei 10.639/2003, ampliada pela Lei 11.645/2008, que fez a inserção dos textos, oralidades, culturas e saberes dos povos indígenas, decretada pelo Congresso Nacional, sancionada pelo

presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, a qual tornou obrigatório o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas instituições escolares públicas e privadas, como se verifica no artigo 26-A

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'. (Brasil, 2003, p. 1, grifos do autor).

É inegável que a Lei ordena o estudo das histórias dos negros brasileiros, africanos e indígenas, considerando os aspectos sociais, econômicos e políticos, que contribuíram para a formação da nação brasileira, para ser ministrado em todas as áreas, principalmente nas disciplinas de artes, literatura e história, porém algumas unidades de ensino continuam apresentando currículos e planejamentos eurocêntricos.

De acordo com Marlon Jeferson da Silva Santos, algumas instituições escolares só passaram a trabalhar a história e a cultura afro-brasileira e africana após a aprovação da Lei 10.639/2003, a qual também fez a inclusão, no calendário escolar, do dia vinte de novembro, data oficializada como feriado nacional da “Consciência Negra” no ano de 2024, e propõe a conscientização e valorização da história, cultura, identidade e luta das pessoas negras. Assim, segundo Santos,

o negro continua sendo pauta apenas na “Semana da Consciência Negra” em novembro, e depois, os conteúdos retornam para as epistemes eurocêntricas. Infelizmente a escola tem data e período para tratar de modo superficial essas temáticas que não são inseridas de fato no currículo e em seu projeto político-pedagógico. (2024, p. 4, grifos do autor).

Isso acontece porque ainda há profissionais que incluem a lei de forma superficial, ou seja, se mantêm resistentes ao ensino da história e cultura da população afro-brasileira, africana e indígena, o que revela o racismo por parte de alguns docentes,

pois foi observado que “o racismo no ambiente escolar é fruto da ausência de uma reflexão sobre as relações raciais que deveria estar presente no planejamento e em todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem”. (Santos, 2024, p. 6). Por isso, ocorrem casos de racismo, frequentemente, nas instituições escolares públicas e particulares, principalmente nas salas de aulas, pois Santos afirma que

outra situação corriqueira comum de acontecer no espaço educacional, especificamente em sala de aula, são os xingamentos e expressões pejorativas direcionadas aos alunos negros, tais como: *urubu, macaco, picolé de asfalto, boneca de piche, filhote de cruz-credo, carvãozinho, cabelo de Bombril, Mussum, Vera Verão*, dentre outros, são insultos verbais preconceituosos, discriminatórios e racistas, que além de constranger, apaga a subjetividade desses alunos. (2024, p. 9).

Foi exatamente o que aconteceu com uma estudante, filha de educadora e vereadora, que sofreu xingamentos racistas, na instituição de ensino onde estuda, localizada na zona norte de São Paulo, como se verifica na notícia:

“Seu cabelo é de Bombril, serve pra limpar panela”, “Quantas vezes você já lavou esse seu cabelo?” E sons imitando um macaco. Essas são as ofensas racistas que uma estudante negra de 14 anos de uma escola particular da Zona Norte de São Paulo sofreu de colegas durante um jogo de interclasses, na quinta-feira (10). A mãe da aluna denunciou o caso para o g1 e registrou boletim de ocorrência. O episódio ocorreu no Acre Clube, localizado na região do Tucuruvi, onde estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio São Paulo participavam de um torneio de interclasses. Maria Clara* estava com uma amiga na arquibancada assistindo à partida de futsal, quando pelo menos seis alunos do 3º ano do Ensino Médio, entre 16 e 17 anos, começaram a xingá-la. (Dauer, 2024, G1, grifos do autor).

O racismo no espaço escolar tem ocasionado problemas psicológicos nos discentes, baixo-estima, e vem contribuindo para que eles rejeitem suas características fenotípicas, as quais são utilizadas como forma de xingamentos pelos racistas. Por isso, muitas vezes, os/as estudantes negros/as negam a sua identidade étnica, e, em casos extremos, se suicidam, por conta da discriminação racial que sofrem, que é silenciada, ficando impune, e sendo naturalizada. Elivelton dos Santos Melo reitera que

o Brasil é um país onde o fenótipo é um elemento de estratificação social e demarcador de posição social dos indivíduos, é necessário que os professores consigam agregar valor ao trabalho com textos a partir dos quais estudantes negros possam pensar e refletir sobre a sua história, sobre o seu corpo e cultura. (2021, s.p.).

Apesar de em algumas instituições escolares haverem Projetos Políticos Pedagógicos significativos que abrangem o ensino da Literatura Negra, como é ordenado pela legislação, é perceptível que há uma ausência de profissionais capacitados, pois Melo evidencia que

a falta de profissionais que tenham habilidades críticas e pedagógicas para ministrar aulas voltadas à Cultura e História do povo afro-brasileiro e africano, deixa muito mais evidentes e cristalinas as lacunas existentes na Educação Básica, tal problema priva os estudantes de terem acesso a um conhecimento decolonial, plural onde possa haver uma diversidade de saberes. Isso porque a formação desses professores não é adequada para exercer o ensino de tais temáticas, talvez possa até parecer um tanto generalista, mas na realidade os cursos de formação de Letras são baseados em um currículo eurocêntrico. (2021, s.p.).

Outro problema verificado é o desinteresse de muitas escolas pela Literatura Negra e pelas temáticas que correspondem a essa literatura, como: as questões étnicas, o racismo, o mito da democracia racial, etc, assim a opção de os/as professores/as “escolherem não abordar tais temáticas é de certo modo, contribuir para a perpetuação do racismo dentro da escola, portanto, não podemos mais nos silenciar diante das violências raciais existentes neste espaço”. (Santos, 2024, p. 6). Pois de acordo com Santos,

a escola quando escolhe não abordar temas voltados para a diversidade étnica, a valorização da cultura negra, o respeito às diferenças, opta por excluir os grupos subalternos e reforça a superioridade de um saber eurocentrado em detrimento de outros. (2024, p. 5).

Isso prova que as escolas são muitas vezes preconceituosas e racistas, assim “as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade”. (Almeida, 2019, p.15). Por isso, alguns profissionais da educação ainda acreditam nos estereótipos criados pelos/as brancos/as para rotular as pessoas negras, pois o racismo está enraizado no meio social. Além disso, muitos/as professores/as, talvez, não conhecem as histórias e as culturas dos povos negros brasileiros, africanos e indígenas, por conta disso ficam aprisionados a uma história única e que é considerada como verdade.

Conforme os teóricos estudados, embora os Projetos Políticos Pedagógicos de algumas escolas já tenham implementado a Lei 10.639/2003, e muitos docentes já

estejam colocando em prática, ainda há instituições escolares e professores que não realizam a implementação dessa legislação e, por isso, é importante que os docentes tenham formações continuadas e incluam em suas práticas pedagógicas o estudo da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, para que haja nas mentes dos discentes o desenvolvimento de um conhecimento crítico-reflexivo em combate aos preconceitos raciais.

3 PROPOR O ESTUDO DA LITERATURA NEGRA

De acordo com Luiza Lobo (2007, p. 266 *apud* Duarte, 2014, p. 261), a Literatura Negra é “aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo”. Literatura que descentraliza o branco, sempre prestigiado, e centraliza o negro, sempre oprimido e excluído ao longo da história.

Essa centralização da personagem negra é observada no trecho do conto “Raios de letras”, que compõe o livro *Mulheres Sagradas*, da escritora Aidil Araújo Lima, que diz

catava latinhas nas ruas, em bares, festas de largo. Quando a fome apertava, esquecia-se dela pra que fosse embora. Alimentava-se de ausências, de sonhos, de desejos de querer ser outra coisa senão aquilo. Sem ter onde comparar, não sabia o que era tristeza ou alegria, a vida era a busca por comida, como se fosse animal fuçando no lixo a existência. Não tinha vaidade de gente, sequer olhava-se no espelho. Foi se acostumando a ser invisível, sem direito a coisa alguma. Ela era negra, desconhecida da beleza desenhada em suas formas perfeitas, ocultas na sujeira da maldade. Numa tarde molhada, o lixo lhe mostrou coisas bonitas, livros com imagens coloridas, sentiu interesse pela primeira vez. (Lima, [S.l.], 2022).

O conto “Raios de letras” narra a história de uma mulher negra, dona de uma beleza encantadora, residente em um barraco na favela, que vive em estado de extrema miséria. Vítima da desigualdade social, sem direito à alimentação, sem moradia digna e sem acesso à educação. Por isso, a personagem sobrevive de restos de alimentos que encontra no lixo. Lugar onde encontrou um livro, e ao ler foram-lhe abertas as “portas” e as “janelas” do conhecimento; aprendeu a falar outros idiomas, viajou pelo mundo, conheceu escritores e abriu sua própria empresa. Conquistas que eram

apenas sonhos, alimentados enquanto a personagem lia, e se tornaram realidade, graças a sua força, resistência, esperança e fé na religião de matriz africana.

Essa centralização da personagem negra na literatura acontece porque

o surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção.(Cuti, 2010, p.11).

Desse modo, a Literatura Negra é autêntica, onde o lugar de fala é ocupado por escritores negros e negras que falam e representam indivíduos de etnia negra, ou seja, assim se tem uma manifestação literária que é escrita por autor negro ou mestiço que simboliza outro negro ou mestiço, enaltecendo as características fenotípicas que compõem os traços identitários das pessoas negras, através das personagens, das variedades de temas e histórias de vidas.

Embora, existam padrões na literatura que são eternizados, como; a superioridade da etnia branca sobre a etnia negra, a predominância do padrão de beleza da pessoa de pele branca, corpo franzino e cabelo escorrido, e a representação de negros/as em cargos profissionais subalternizados, é perceptível que a Literatura Negra está rompendo com esses paradigmas literários, estéticos e ideológicos que privilegiam os/as brancos/as.

Desse modo, deve-se ensinar não apenas a literatura branca, de elite e canonizada, e sim democratizar o ensino ampliando as possibilidades de leitura de escritores de etnia negra. Por isso, é relevante propor ao ensino de Língua Portuguesa o estudo amplo e mais profundo da literatura afro-brasileira, africana e indígena.

É o que determina os campos artísticos e literários inclusos na Base Nacional Comum Curricular, documento criado com o objetivo de organizar os currículos das instituições escolares, ao propor para as redes de ensino o estudo das literaturas afro-brasileira, africana e indígena, não somente a literatura portuguesa, pois a Base aborda que

no Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos, e culturais. (Brasil, 2018, p. 523).

É comprovável que a Base Nacional Comum Curricular ordena o estudo das literaturas da população negra brasileira, africana e indígena. Contudo, o ensino é bastante restrito e insatisfatório, pois

embora para o ensino médio, a Base consiga abranger as possibilidades do trabalho com as Literaturas Africana e Afro-brasileira, ainda não é suficiente, visto que a Literatura em geral não tem um espaço privilegiado nos currículos escolares, pois divide espaço curricular com o ensino de língua portuguesa, o qual tende a suprimir o trabalho com as literaturas. (Melo, 2021, s.p.)

Segundo Melo, o fato de a literatura compartilhar espaço com a gramática nos currículos escolares faz com que o ensino de literatura continue sendo insuficiente, principalmente quando se trata de literatura africana e afro-brasileira.

3 PROPOR PRÁTICAS LITERÁRIAS ANTIRRACISTAS

De acordo com Bárbara Carine Soares Pinheiro, práticas antirracistas são “aquelas voltadas para a denúncia do racismo no sentido maior de sua reversão/destruição”. (2023, p. 7). Essas práticas podem ser por meio de leituras de obras literárias:

assim, acreditamos ser necessário desenvolver ações afirmativas que tenham como principal objetivo combater a exclusão histórica destinada aos povos originários e aos negros africanos escravizados que nega a contribuição dos mesmos para a formação identitária do povo brasileiro, reconhecendo e valorizando seus princípios ao desenvolver práticas pedagógicas afirmativas que podem contribuir para uma educação antirracista. (Santos, 2024, p. 4).

Portanto, é uma boa escolha levar para sala de aula e para outros espaços sociais obras literárias de autores/as negros/as e que retratam as personagens negras de forma autêntica como nas obras; *Mulheres Sagradas* (2022), de Aidil Araújo Lima, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2019), de Carolina Maria de Jesus, *Olhos D'água* (2014), de Conceição Evaristo, *Água de Barrela* (2016), de Eliana Alves Cruz, *O avesso da Pele* (2020), de Jeferson Tenório, *O caminho das estações* (2024), de Jovina Souza, *Clara dos Anjos* (1998), de Lima Barreto, *Heroínas Negras Brasileiras:*

em *15 Cordéis* (2020), de Jarid Arraes, *Pulsares* (2019), *Todas as Cartas de Amor* (2014) e *Fecundo a terra enquanto choro* (2025), de Lílian Almeida, e o conto *O caso da Vara* (1891), de Machado de Assis.

Além das literaturas negras citadas, é necessário estudar obras de escritores africanos, como; José Craveirinha, Odete Semedo, Paulina Chiziane, Mia Couto, Ondjaki, Luandino Vieira, Pepetela, Vera Duarte, entre outros, para que os estudantes tenham acesso à um conhecimento mais profundo sobre a história e a cultura da África, por meio da leitura crítica e reflexiva, e depois discuti-las em eventos, debates, rodas de conversas, seminários e palestras nas instituições escolares.

Assim, haverá discussões acerca das personagens negras presentes no interior das obras de autorias negras. Os educandos terão conhecimento sobre temas como: representatividade, afirmação identitária, e essas literaturas de escritores/as negros/as irão contribuir para a construção de um imaginário positivo nos alunos em torno das pessoas negras.

Os discentes também irão se identificar e se sentir representados por essa literatura condizente com a realidade de vida da maioria deles, por serem negros e mestiços e, ainda, pertencerem aos grupos marginalizados. Dessa forma, de acordo com Elivelton dos Santos Melo,

essas ações também permitem que estudantes negros; indígenas e brancos consigam conhecer a cultura afro-brasileira e africana desmistificando preconceitos e estereótipos. Além disso, a escrita desses escritores e escritoras é carregada de oralidade, isso facilita o entendimento da leitura para os estudantes da Educação Básica, pois se aproxima de sua fala. (2021, s.p.).

Desse modo, é importante também propor uma articulação das obras literárias de autorias negras com textos teóricos que abordam a Literatura Negra, ou seja, com temas voltados aos/as negros/as e mestiços/as, como exemplo, *Ardís da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira* (2001), de Edmilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes, *O perigo de uma história única* (2019), de Chimamanda Ngozi Adichie, *Racismo estrutural* (2019), de Sílvio Almeida,

Psicologia social do racismo (2002), de Maria Aparecida Bento, e o *Pequeno Manual Antirracista* (2019) de Djamila Ribeiro, que

constrói diferentes possibilidades de atuações antirracistas, as quais, para a filósofa, podem começar pela leitura de autores negros, pelo reconhecimento da negritude, pelo apoio a ações afirmativas ou simplesmente pelo questionamento da cultura que consumimos, etc. Assim, pensando nos professores de língua portuguesa, um dos primeiros movimentos para efetivar uma educação antirracista pode ser através das escolhas dos autores e textos literários para o enfrentamento das questões em pauta. (Melo, 2021, s.p.).

Assim, por meio de obras literárias será possível conhecer e ter acesso à subjetividade das pessoas negras, as quais devem ser representadas como seres humanos, não como objetos e animais como faziam muitos escritores/as brancos/as. Visando, com isso, desconstruir nas mentes dos discentes os estereótipos relacionados as personagens negras e ideologias racistas, na tentativa de combater o racismo na esfera social, pois o contexto escolar é um espaço apropriado para realizar práticas literárias antirracistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o ensino das histórias, culturas e literaturas afro-brasileira, africana e indígena nas instituições escolares ainda continua sendo superficial e insatisfatório, mesmo após a aprovação da Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008, e da criação da Base Nacional Comum Curricular.

Isso ocorre, talvez e também, porque há mais professores/as brancos/as nas instituições escolares do que negros/as. E não são todos/as que têm o interesse de ministrar aulas sobre a história, cultura e literatura dos povos negros brasileiros, africanos e indígenas. No entanto, é necessário que os docentes tenham formações continuadas para aprimorar seus conhecimentos e permanecer atualizados.

Sendo assim, o sistema de cotas também pode contribuir com a inserção de profissionais politicamente comprometidos/as com os temas referentes à Literatura Negra. E o mais importante é que as escolas e seu corpo de professores reflitam e implementem o que já está previsto na Lei 10.639/2003 e na BNCC em suas práticas

pedagógicas, a fim de construir condições sociais diferentes das que estão sendo postas em prática.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Lílian. **Todas as cartas de amor**. Salvador: Quarteto. 2014.

ALMEIDA, Lílian. **Pulsares**. Salvador: FB Publicações, 2019.

ALMEIDA, Lílian. **Fecundo a terra enquanto choro**. São Paulo: Patuá, 2025.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Seguinte, 2020.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 12 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BENTO, Maria Aparecida S. **Psicologia social do racismo**. São Paulo: Vozes, 2002.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, p.1, 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. Brasília; Distrito Federal: Fundação Cultural Palmares, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: **Rassegna iberística**, Vol. 37 – Nº. 102 – Dez/ 2014.

DAUER, Letícia. **Estudante de escola particular é vítima de racismo na Zona Norte de SP: 'Seu cabelo é de Bombril, serve pra limpar panela'**. São Paulo. 17 out. 2024. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/10/17/estudante-de-escola-particular-e-vitima-de-racismo-na-Zona-Norte-de-sp-seu-cabelo-e-de-bombril-serve-para-limpar-panela.-|sao-paulo|g1> > Acesso em: 20 jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.

LIMA, Aidil Araújo. **Mulheres Sagradas**. [S.l.]: Versos Editora, 2022.

MELO, Elivelton dos Santos. A Base Nacional Comum Curricular e o Ensino das Literaturas Africana e Afro-brasileira: Perspectiva Negra Decolonial na Educação Brasileira. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 36, 2021. ISSN: 1806-2555. Disponível em: <<https://mafua.ufsc.br/2021/bncc-desafios-e-direcionamentos-para-o-ensino-das-literaturas-africana-e-afro-brasileira/>>. Acesso em 16 jan. 2025.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem**: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

VILARINHO, M. C. O Caso Da Vara (1891): Um Conto De Machado De Assis Que Revela A Face Da Escravidão Brasileira Do Século XIX. **Revista Mosaico** - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 14, n. 2, p. 273–282, 2021. DOI: 10.18224/mos.v14i2.8780. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/8780>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Marlon Jeferson da Silva. **Práticas pedagógicas antirracistas**: caminhos possíveis. ETS EDUCARE - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.2, v.2, p.1-2, jan.-jul., 2024.

SOUZA, Jovina. **O caminho das estações**. Salvador: Mondrongo, 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.